

EUCARISTIA, sacramento da caridade

A Eucaristia, ápice e fonte da missão e da caridade

Jesus deu-nos três mandamentos inseparáveis: «fazei isto em memória de Mim»¹, «ide, fazer discípulos entre todas as nações e baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo»² e «amai-vos uns aos outros. Assim como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros»³. Estes três mandamentos são como que três liturgias inseparáveis⁴. O tema da Eucaristia fonte e ápice da missão e da caridade encontra aqui a sua íntima interligação, ou seja, o mandato litúrgico, o mandato missionário e o mandato do amor completam-se harmonicamente. Palavra e Eucaristia impelem à missão e à caridade. A relação celebração-evangelização-vida é dinâmica e conciliatória.

O dinamismo pascal, «depois da gloriosa ascensão de Cristo ao Céu, a obra da salvação continua a realizar-se sobretudo na celebração da liturgia, a qual não sem motivo é considerada o momento último da história da salvação»⁵.

É verdade que a Igreja faz a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja.

A Eucaristia ocupa o primeiro lugar na liturgia dos sacramentos, porque ela «é imitação da última ceia e esta é figura e anúncio da paixão: trata-se de dois dados constantes nas orações eucarísticas da Igreja das origens. Os mesmos dados conduziram a reflexão dos padres da Igreja dos primeiros quatro séculos»⁶. Celebrar a Eucaristia é reconhecer a centralidade do Senhor quando parte e reparte o pão.

1. Fração do pão

Sob o ícone dos discípulos de Emaús⁷ podemos refletir melhor o sacramento dos sacramentos. Segundo Lucas, na própria tarde do dia de Páscoa, Jesus em pessoa aparece aos discípulos de Emaús e aos onze reunidos em Jerusalém. Para vencer a sua incredulidade faz experimentar a sua identidade de Ressuscitado, comendo com eles e ilumina o evento pascal partindo das escrituras. A narração evangélica atinge o seu ápice quando o desconhecido peregrino, sentando-se à mesa com os dois discípulos desiludidos com o fim trágico de Jesus de Nazaré, «tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram»⁸. Jesus (o Ressuscitado) manifesta-se vivo com

¹ Lc 22,19.

² Mt 28, 19.

³ Jo 13, 34.

⁴ Cf. F-X. DURRWELL, *Eucaristia ed evangelizzazione*, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose 2000, 12-14.

⁵ CMVSM 11.

⁶ E. MAZZA, *La celebrazione eucaristica. Genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione*, EDB, Bologna 2003, 5.

⁷ Lc 24,13-35.

⁸ Lc 24,30-31.

o mesmo gesto (*fractio panis*) que realizou na noite da instituição da Eucaristia.

Na verdade, o relato pascal de Emaús apresenta uma verdadeira e própria celebração eucarística (Salmos/Profetas, homilia, procissão de entrada até ao lugar da celebração, abertura dos olhos e da mente), paradigma de toda a liturgia cristã. Na narração evangélica, tal como na celebração da Eucaristia existe a proclamação das Escrituras e consequente escuta; realiza-se a revelação do mistério, que os olhos da fé podem ver; pode-se saborear o pão dado e o sangue derramado e experimentar a comunhão com Cristo e com os irmãos.

A celebração eucarística da ceia do Senhor deve ser um «*studium Christi*», o grande momento do reconhecimento «*os seus olhos abriram-se e reconheceram-no*» e da visão «vimos o Senhor» (Jo 20,25).

De facto, como se exprime a Oração Eucarística V «*sois verdadeiramente Santo e digno de glória, Deus, amigo dos homens, que sempre os acompanhais no seu caminho. Verdadeiramente bendito é o vosso Filho, que está presente no meio de nós quando nos reunimos no seu amor e, como outrora aos discípulos de Emaús, Ele nos explica o sentido da escritura e nos reparte o pão da vida*»⁹.

«*Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?*». Na celebração litúrgica, a palavra torna-se presente e opera em nós, graças à abertura da fé. A realidade mantém-se igual, não muda, o que mudam são os olhos que a veem.

2. Fazei isto em memória de Mim

A origem da Eucaristia situa-se na última ceia de Jesus com os seus discípulos. Jesus tomou o pão, deu graças a Deus, partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo que o tomassem e comessem, porque aquilo era o seu corpo. Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice, deu graças, deu-o aos seus discípulos, dizendo que o tomassem e bebessem, porque aquele era o cálice da aliança no seu sangue. Por fim, disse: «*fazei isto em memória de Mim*»¹⁰. Deste modo, a Eucaristia é a obediência ao mandato de Cristo e a realização daquilo que Ele mesmo fez no cenáculo.

As narrações do Novo Testamento¹¹ descrevem as acções de Jesus que a Igreja deve seguir:

1) tomou o pão	6) tomou o cálice;
2) deu graças	7) deu graças;
3) partiu-o	
4) deu-o	8) deu-o;
5) dizendo...	9) dizendo....

⁹ Missal Romano, Oração Eucarística V 1159. 1164. 1170. 1176.

¹⁰ Lc 22,19; 1Cor 11,25b-26.

¹¹ Lc 22,17-20; 1Cor 11,23-25; Mc 14,22-24; Mt 26,26-28.

Este modelo tornou-se o programa celebrativo da Eucaristia. A acção da última ceia desenvolveu-se nestes nove momentos que são as partes essenciais e constitutivas do rito da Igreja. A mesma acção articula-se no ordinário da Missa: na preparação dos dons, na Oração Eucarística, na fracção do pão e na comunhão.

O pão e o vinho, elementos constitutivos desta ceia ritual, são especificados pelas duas orações que os acompanham, isto é, a bênção para o pão e a acção de graças para o cálice. Estas orações recitadas por Jesus são o modelo da oração eucarística ou anáfora da Igreja. Com efeito, «*a partir destes dois textos de acção de graças nasceu um desenvolvimento textual, muito complexo, que nos conduz até aos actuais textos anafóricos em uso nos missais das várias Igrejas*»¹².

Desde os primeiros testemunhos, esta liturgia foi chamada “*Eucharistía*”, termo grego que significa “acção de graças” e que designa tanto a oração de acção de graças que é recitada, à imitação de Jesus, como os elementos do pão e do vinho.

Em Paulo encontramos duas descrições da Eucaristia¹³ para apresentar o rito eucarístico da Igreja e o rito da ceia de Jesus no cenáculo. As diferenças entre os dois textos mostram o desenvolvimento rápido entre a última ceia e o rito da Igreja de Corinto. A tradição de Corinto compõem-se de dois momentos: o rito do cálice com a sua bênção e o rito do pão partido, ao qual se liga o tema da unidade¹⁴. A Eucaristia de Corinto corresponde à Eucaristia da Didaché: «*quanto à Eucaristia, dai graças deste modo: primeiro sobre o cálice: “Nós Te damos graças, nosso Pai, pala santa vinha de David, teu servo, que nos deste a conhecer pelo teu servo Jesus. Glória a Ti pelos séculos”. Depois sobre o pão partido: “Nós Te damos graças, nosso Pai, pela vida e pela ciência que nos revelaste por Jesus, teu servo. Glória a Ti pelos séculos*»¹⁵.

Na carta aos Coríntios temos uma referência à *Birkat ha-mazôn*, ao chamar ao cálice eucarístico, «o cálice da bênção»¹⁶, referindo-se ao cálice final depois da ceia.

Segundo Mazza, na tradição sobre a última ceia do Novo Testamento existem dois pontos que merecem atenção: a sucessão dos ritos que

¹² MAZZA, *La celebrazione eucaristica*, 25.

¹³ 1Cor 10,16-17; 11,23-25.

¹⁴ Também a Didaché realça a relação entre o rito do pão com a unidade. «Assim como este pão partido estava disperso pelos montes, e, depois de colhido se tornou um só, assim se reúna a tua Igreja dos confins da terra no teu reino. Pois tua é a glória e o poder por Jesus Cristo, pelos séculos». Didaché 9,4, in *AL* 97.

¹⁵ Didaché 9,2-3, in *AL* 96.

¹⁶ 1Cor 10,16.

constituem a última ceia e o uso de “abençoar” (*eulogein*) e de “agradecer, dar graças” (*eucharistein*).

A anamnese (memorial) é uma estrutura celebrativa de fundamento bíblico que passou à celebração cristã. O modelo da Eucaristia recorre a esta categoria de memorial – «*fazei isto em memória de mim*»¹⁷ – surgindo como o elemento estrutural da narração da instituição realizada por Jesus na noite da última ceia e dadas como um mandamento aos seus discípulos. Ao agregar estas palavras à narração da ceia, a Oração eucarística torna-se uma declaração de querer realizar o que Jesus disse para fazer, uma menção explícita à sua memória, qual presença sacramental permanente de Cristo.

A Eucaristia é, pois, a obediência ao mandamento de Cristo de fazer o que Ele mesmo fez, conforme as quatro tradições neotestamentárias (Mc 14,22-24; Mt 26,26-28; Lc 22,17-20; 1Cor 11,23-25), tornando-se a anamnese do mistério da fé, isto é, o mistério da morte e Ressurreição de Cristo, como se aclama na liturgia: «*Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus*». A Eucaristia é memória do sacrifício e do banquete pascal, tal como realça o Catecismo da Igreja Católica: «a Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da Cruz e o banquete sagrado da comunhão no Corpo e Sangue do Senhor»¹⁸.

A celebração da Eucaristia é, por conseguinte, a celebração do mistério da fé, como adverte o Papa Paulo VI: «primeiro que tudo queremos recordar uma verdade, que muito bem conheceis e é necessaríssima no combate a qualquer veneno de racionalismo. Verdade que muitos Mártires selaram com o próprio sangue, e célebres Padres e Doutores da Igreja professaram e ensinaram constantemente. É a seguinte: a Eucaristia é um Mistério altíssimo, é, propriamente, o Mistério da Fé, como se exprime a sagrada Liturgia: “Nele só, estão concentradas, com singular riqueza e variedade de milagres, todas as realidades sobrenaturais”»¹⁹. Igualmente, João Paulo II reafirmou: «verdadeiramente a Eucaristia é *mysterium fidei*, mistério que supera os nossos pensamentos e só pode ser aceite pela fé»²⁰.

Trata-se da comemoração do mandato de Cristo, não apenas como recordação do passado, mas como proclamação das maravilhas que Deus operou na história da salvação por amor dos homens, imprimindo ao caminho cristão o passo da esperança.

¹⁷ Lc 22,19; 1Cor 11,25b-26.

¹⁸ *Catecismo da Igreja Católica* 1382.

¹⁹ PAULO VI, «*Mysterium fidei*», in *EDREL*, 456.

²⁰ J. PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia* 15.

3. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações

Um dos conteúdos fundamentais para a Nova Evangelização²¹ é a Liturgia, como o lugar do encontro da pessoa humana com Deus, sendo a vida da própria Igreja. O anúncio deve ser precedido, acompanhado e seguido pela oração. Cada missionário do Evangelho deve ter sempre presente esta verdade: é o Senhor que sensibiliza os corações com a sua Palavra e com o seu Espírito, chamando as pessoas à fé e à comunhão na Igreja.

A liturgia vive dos sacramentos. É verdade que toda a vida litúrgica da Igreja gravita em torno dos sacramentos, especialmente da Eucaristia²². Estes celebram a ação salvífica de Cristo na Igreja nascida da Páscoa. Por isso, o centro da celebração dos sacramentos é o Mistério da Páscoa de Cristo, como afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, «a liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição»²³.

Bento XVI tem lembrado incessantemente «a necessidade de redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo»²⁴.

Para que seja assim e para que o Evangelho se torne visível, é necessário que a liturgia se exprima tanto nas categorias da beleza como nas da verdade. De facto, «a liturgia – como a poesia – é esplendor gratuito, delicado desperdício, mais necessário do que útil»²⁵.

Infelizmente, em muitos lugares a liturgia reduz-se a uma proclamação de textos e execução técnica de gestos, sem cantos, sem uma linguagem verbal e não verbal que manifeste o mistério e a arte de bem celebrar. É urgente, uma liturgia séria, simples, bela, que seja experiência do mistério, permanecendo, ao mesmo tempo, inteligível, capaz de narrar a perene aliança de Deus com os homens. Um equilíbrio entre a Palavra e o Sacramento – equilíbrio entre a palavra, o canto, o silêncio e o rito.

O sacramento da Eucaristia é igualmente banquete pascal: por um lado, por se tratar da refeição que o Senhor tomou com os seus discípulos antes da sua paixão e morte; e por outro lado, por podermos participar no corpo e sangue do Senhor, para entrar numa comunhão plena com Ele.

Ao dizermos que a Eucaristia é o sacramento da Páscoa, salientamos a realização sacramental dos mistérios de Cristo no centro da liturgia, e

²¹ R. FISICHELLA, *La nuova evangelizzazione. Una sfida per uscire dall'indifferenza*, Mondadori 2011, 13.

²² Cf. SC 6.

²³ SC 61.

²⁴ BENTO XVI, *Porta Fidei* 2.

²⁵ C. CAMPO, *Sob um nome falso*, Assírio & Alvim, Lisboa 2008, 111.

mesmo de toda a vida cristã, como testemunham os Padres da Igreja: «o que na vida do nosso Redentor era visível, passou para os seus sacramentais»²⁶.

Sacrifício, memorial e banquete são, por conseguinte, três dimensões inseparáveis do mesmo e único sacramento da Eucaristia²⁷, o sacramento do mistério pascal de Cristo. A liturgia sublinha esta tripla dimensão eucarística na antífona do cântico do Magnificat na solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo: «ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»²⁸.

Disto sereis testemunhas. A Páscoa não se esgota na ressurreição de Jesus. O mistério foi revelado aos apóstolos, como também a nós hoje, mediante palavras e acções.

Testemunhas da Páscoa, no nome de Jesus temos de anunciar a conversão e o perdão. A Eucaristia é o sacramento dos três 'p': perdão, palavra e pão.

Num famoso quadro de Caravaggio, que se encontra em Milão, apresenta-se o rosto de Jesus metade iluminado e metade não, investindo a luz sobre o essencial, deixando o resto no mistério. Vê-se também a mão direita de Jesus que chama e abençoa. É o próprio Jesus, a Palavra que se faz gesto da memória. Aquela mão do lava-pés, mão do crucificado, mão do Pantocrator, torna-se gesto de vida no Cristo total, como recorda Agostinho, ou seja, Cristo e a sua Igreja.

S. Paulo ousa dizer: «se eu anuncio o Evangelho, não é para mim motivo de glória, é antes uma obrigação que me foi imposta: ai de mim, se eu não evangelizar!»²⁹. A Bíblia é um livro de esperança e lê-lo, anunciá-lo e testemunhá-lo «dá como resultado a esperança»³⁰.

²⁶ LEÃO MAGNO, «*Tractatus* 74,2», CCL 138A, 457; Cf. Papa LEÃO MAGNO, «Sermões para a Ascensão 1,3», in AL, 1031.

²⁷ Cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS-CONSILIIUM, «EM 3», in EDREL, 504.

²⁸ Esta antífona é atribuída a S. Tomás de Aquino: «*Recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur*». Em S. Tomás, a Eucaristia é, como os outros sacramentos, uma actualização do *signum rememorativum* da acção salvífica realizada uma vez por todas, um *signum demonstrativum* do hoje da salvação e um *signum prognosticum*, uma antecipação do banquete escatológico do reino de Deus. Ao definir *sacramentum*, o doutor angélico afirma que é um sinal admirável em três dimensões temporais: «*unde sacramentum est et signum rememorativum eius quod praecessit, scilicet passiones Christi; et demonstrativum eius quod in nobis efficitur per Christum passionem, scilicet gratiae; et prognosticum, id est praenuntivum, futurae gloriae*» («o sacramento é sinal comemorativo do passado, ou seja, da paixão do Senhor; é sinal demonstrativo do fruto produzido em nós pela sua paixão, isto é, pela graça, que preanuncia a glória futura»). (T. De AQUINO, «*Summa Theologica* III, q.60, art.3» vol 4 (BAC Teología y Canones 83), Madrid 1958, 477.

²⁹ 1 Cor 9, 16.

³⁰ CHRISTIAN DE CHERGÉ E ALTRI MONACI DI TIBHIRINE, *Più forti dell'odio*, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 2010, 173.

4. Como Eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros

A narração da última ceia ligada ao lava-pés encontra-se apenas no evangelho de João. Todavia, o contexto da última ceia e o sublinhar do exemplo de humildade e de amor serviçal dado por Jesus reenvia-nos ao evangelho de Lucas e à exortação do próprio Jesus acerca do poder e do serviço: «²⁴Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles devia ser considerado o maior. ²⁵Jesus disse-lhes: «Os reis das nações imperam sobre elas e os que nelas exercem a autoridade são chamados benfeitores. ²⁶Convosco, não deve ser assim; o que fôr maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve. ²⁷Pois, quem é maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? Não é o que está sentado à mesa? Ora, Eu estou no meio de vós como aquele que serve»³¹.

João atribui expressamente ao lava-pés realizado por Jesus o significado da humildade a imitar pelos discípulos³² (cf. vv 12 e 13). Mas o fundamento de tudo é o amor: «Ele, que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» e ainda mais claramente a seguir Jesus deixa o mandamento novo: «é este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei»³³.

O lava-pés não é, com efeito, «um sacramento particular, mas significa a totalidade do serviço salvífico de Jesus: o *sacramentum* do seu amor, no qual Ele nos imerge na fé e que é o verdadeiro lavacro de purificação do homem»³⁴.

Jesus é mestre no servir e interpela-nos a fazer o mesmo.

A Igreja recebeu a Eucaristia do Senhor Jesus Cristo como o dom por excelência, porque é dom d'Ele mesmo e, por isso, é verdadeiramente o mistério da fé e o sacramento do mistério da Páscoa. Em S. Paulo³⁵, o mistério de Cristo indica o plano divino da salvação, cujo ponto central é o mistério da Páscoa. Deste único e fontal mistério de Cristo nasce a Eucaristia, a partir dos modelos: anamnético, sacrificial e convivial.

O sacrifício é um dos elementos centrais do culto do Antigo Testamento que se tornou paradigma para a compreensão do mistério pascal de Cristo, centro de qualquer acção litúrgica, especialmente da celebração eucarística. A Eucaristia é sacramento do sacrifício de Cristo. A Igreja celebra o sacrifício de louvor através de Cristo e oferece ao Pai o que Ele próprio lhe deu, isto é, os dons da criação, o pão e o vinho, tornados, pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo, Corpo e Sangue do mesmo Jesus Cristo.

³¹ Lc 22, 24-27.

³² Cf. P.F. BEATRICE, *La lavanda dei piedi. Contributo alla storia delle antiche liturgie cristiane*, Edizioni Liturgiche, Roma 1983, 11.

³³ Jo 15, 12.

³⁴ J. RATZINGER-BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, vol. 2, Principia, Lisboa 2011, 68.

³⁵ Cf. Ef 1,4-12; 3,1-13.

À Eucaristia atribui-se o conceito de sacrifício, porque torna presente o sacrifício da cruz, conforme as palavras da narração da ceia: «Isto é o meu Corpo que será entregue por vós» e «Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados». A última ceia de Jesus é uma antecipação profética do cumprimento das Escrituras realizado na sua Paixão, Morte e Ressurreição. No sacrifício da Missa, Cristo torna-se presente sacramentalmente.

A comunidade reunida oferece ao Pai o sacrifício de Cristo e associa-se a Cristo (ao mesmo tempo, o cordeiro, o altar e o sacerdote), com a oferta da sua vida e do seu compromisso cristão, porque o mistério de Cristo, alfa e ómega, torna-se contemporâneo a todo o homem em todos os tempos.

Conclusão

Toda a liturgia é, principalmente, celebração sacramental, que realiza, sobremaneira, na Eucaristia, a união entre o visível e o invisível, isto é, o único mistério de Deus, que outro não é senão o próprio Jesus Cristo, como escreve Santo Agostinho: “*Não há outro sacramento ‘mistério’ de Deus senão Jesus Cristo*»³⁶.

Verifica-se, hoje, a necessidade de uma pastoral litúrgica que parta da mistagogia, acompanhando a comunidade cristã «por acções e palavras»³⁷, até ao centro do mistério pascal de Cristo, para que a celebração da Eucaristia, de modo especial ao Domingo, seja nobre na sua simplicidade, séria e bela. A celebração dos mistérios é em si mesma iniciação aos mistérios, isto é, a liturgia inicia ao mistério, celebrando o próprio mistério. Ao celebrá-lo, o mistério revela-se e dá-se a conhecer, como recordam os Padres da Igreja. Acerca do sacramento da Eucaristia, S. João Crisóstomo afirma: «Este mistério faz da terra céu»³⁸.

Por isso, a acção litúrgica deve ser celebrada de modo a permitir a cada um entrar no coração do mistério, para acolher a beleza do louvor da Igreja a Deus Trino, mediante a escuta da Palavra, a experiência do mistério (vida própria de Deus, o seu projecto salvífico) e a visão da glória (manifestação da Palavra ao olhar).

A centralidade do mistério de Cristo, encarnado, morto, ressuscitado, traduz-se por “*ritus et preces*” cuidadosamente predispostos e usados de modo respeitoso e comprometido.

A narração de Lucas sobre os discípulos de Emaús permite-nos uma reflexão subsequente acerca do vínculo entre a escuta da Palavra e a fracção do pão (cf. *Lc 24, 13-35*). Jesus foi ter com eles no dia depois do

³⁶ AGOSTINHO, «*Epistula 187, 34*», *CSEL 57*, 112.

³⁷ Cf. *SC 48*.

³⁸ JOÃO CRISÓSTOMO, «*In epistula I ad Corinthios, 24,5*», *PG 61*, col. 205.

sábado, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo do caminho, «explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito». Juntamente com este viajante que inesperadamente se manifesta tão familiar às suas vidas, os dois discípulos começam a ver as Escrituras de um novo modo. O que acontecera naqueles dias já não aparece como um fracasso, mas cumprimento e novo início. Todavia, mesmo estas palavras não parecem ainda suficientes para os dois discípulos. O *Evangelho de Lucas* diz que «abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-No» somente quando Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lho deu; antes, «os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem» (24, 16).

A Eucaristia é a maior representação simbólica e real da missão e da caridade.

+ José Cordeiro